



“A vida invisível”: por entre cartas, corpos de mulheres e processos de subjetivação

“The invisible life”: among letters, women bodies and subjectivation processes

Rosimeri de Oliveira Diasⁱ
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Denize Sepulvedaⁱⁱ
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo discorre sobre as invisibilidades femininas por meio da correspondência entre duas professoras de Universidade Pública. Trata-se de uma atividade estética, mediada pela noção de “escrita de si”, proposta por Michel Foucault, bem como pelo filme “A vida invisível”, de Karim Aïnouz e roteiro de Murilo Hauser, em que imagem, tempo e movimento acontecem por meio de cartas. Recorre-se, portanto, às cartas, assim como às escritas de Guida para Eurídice, no referido filme, com o intuito de situar o leitor acerca de sua importância nas trajetórias das pesquisas sobre gênero e sexualidade, assim como da sua ligação estreita com os estudos de produção de subjetividade. Sua problemática – ética, estética e política – faz a articulação entre artes visuais, relações de gêneros, sexualidades e educação, na medida em que faz ressoar a correspondência entre as duas professoras com a da personagem, enaltecendo, assim, as lutas travadas por mulheres no processo de desinvisibilização.

Palavras-chave: Invisibilização Feminina, escritas de si, processos de subjetivação.

Abstract

This article explores female invisibilities by means of mails exchanged between two public university teachers. It is an aesthetic activity mediated by the notion of "self writing", proposed by Michel Foucault and by the film "The invisible life" by Karim Aïnouz, script by Murilo Hauser; in which image, time, and movement happen through letters. Therefore, we used letters, as well as Guida's writings for Eurídice, in the referred film, in order to situate the reader about their importance in the trajectories of research on gender and sexuality as well as their close connection with the studies of subjectivity production. Its problematic – ethical, esthetic and political – articulates visual arts, gender relations, sexualities and education, as it resonates the correspondence between the two teachers with that of the character, thus highlighting the struggles waged by women in the desinvisibilization process.

Keywords: Women's invisibility, Self-writings, Subjectivation processes

Enviado em: 19/03/20 - Aprovado em: 06/05/20

Introdução

No dia 22 de dezembro de 2019, fomos ao cinema assistir "A vida invisível"¹, filme do diretor Karim Aïnouz e roteiro de Murilo Hauser, em um cinema da Zona Sul, na cidade do Rio de Janeiro. Sensibilizamo-nos muito, porque o cinema como imagem, movimento e tempo nos direciona para nós mesmas – mulheres, professoras, mães, filhas etc – e nos dá a possibilidade de acontecimentalizar histórias.

Saímos do cinema com o reverberar das cartas enviadas e guardadas com um nó na garganta acerca das invisibilidades e subjetivações femininas emergentes com o filme. Devido a isso, iniciamos uma correspondência² entre nós duas, professoras de uma Universidade Pública para fazer ver e falar a liga entre cinema, cartas, corpos femininos e produção de subjetividade. Apresentamos aqui essa correspondência entre nós e, junto a ela, trazemos algumas das cartas enviadas por Guida a Eurídice, personagens principais do referido filme. Trata-se, portanto, de um escrito ligeiramente diferente dos demais, porque no fundo é um esboço, um rascunho falado, um texto-imagem-carta para ser lido por amigas. Desse aspecto deriva a falta de referências bibliográficas, os cortes abruptos de raciocínio, as passagens de trechos das cartas reais e das cartas filmicas, o predomínio coloquial e as redundâncias que facilitam a compreensão da ideia em tela como se ainda tivéssemos juntas no cinema ou conversando no bar em frente ao cinema.

Com base em Perrot (2019), destacamos, inicialmente, que o acesso das mulheres à escrita foi tardio. Uma das primeiras formas de escrita delas foi a correspondência, já que era um gênero discursivo de caráter privado, normalmente ligado à família, escrito à noite, em seus próprios quartos, para responder outras cartas recebidas. Perrot (2019) comenta que "correspondências, diário íntimo e autobiografia não são gêneros especificamente femininos, mas se tornam mais adequados às mulheres justamente por seu caráter privado. De maneira desigual" (PERROT, 2019, p. 28). Justamente por causa de seu caráter privado, normalmente escritas pelas mulheres para parentes mais velhos, o marido que se encontrava longe, o filho que foi estudar no colégio interno, a filha casada ou algumas amigas, as cartas eram uma forma de escrita autorizada pela sociedade patriarcal. Em função disso, consideramos importante afirmar o valor da escrita das cartas, tendo em vista que essa foi uma das primeiras formas de sociabilidade e expressão entre as mulheres.

¹ Rio de Janeiro, 1950. Eurídice, 18, e Guida, 20, são duas irmãs inseparáveis que moram com os pais em um lar conservador. Ambas têm um sonho: Eurídice o de se tornar uma pianista profissional e Guida de viver uma grande história de amor. Mas elas acabam sendo separadas pelo pai e forçadas a viver distantes uma da outra. Sozinhas, elas irão lutar para tomar as rédeas dos seus destinos, enquanto nunca desistem de se reencontrar. Disponível em: <http://www.vitrinefilmes.com.br/site/?page_id=5427>.

² A ideia da correspondência acontece em nosso período de recesso de festas de fim de ano de 2019 e em nossas férias anuais. Entre Lisboa e Rio de Janeiro correspondemo-nos para, além de produzir este texto, fazermos-nos presentes. Pois a carta, mesmo que em formato de e-mail, age em quem escreve e em quem lê.

Assim, o uso de correspondências entre nós ganha força, ao longo do texto, pois este dispositivo foi uma das primeiras formas de sociabilidade e expressão entre as mulheres.

Como você está? Espero que esteja tudo bem.

Desde o dia 22 de dezembro passado, quando fomos assistir no Rio de Janeiro ao filme "A vida invisível", do diretor Karim Aïnouz e roteiro de Murilo Hauser, que venho pensando sobre as semelhanças e diferenças nas vidas das mulheres. Na realidade, venho refletindo sobre as experiências de nós mulheres que são tão diferentes, claro, mas ao mesmo tempo tão parecidas (Lisboa, 27 de janeiro de 2020).

Quanta alegria senti ao ler sua carta! Há muitas questões que passam por esta sensação, definida por Espinosa como *potência* de vida. A alegria me toca e a exercito como modo de viver, mas a tenho forjado com intensidade em minha prática cotidiana de trabalho, com modos outros de formar, de encontrar e de conversar. E a sensação que tenho é a de que vamos embarcar em uma escrita que tensiona os modos usuais de fazer ciência para poder pensar diferentemente. Exercício levado a sério por muitas mulheres que se lançam na aventura do viver e do esforço de fazer de si mesmo modos não conformados e não consensuais (Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 2020).

Querido Pai,

Escrevo a bordo do Liberte, partindo para à Grécia. Espero que o Senhor se alegre e saiba que a primeira parada será em sua terra. Muito feliz ao lado de Yorg. Certo de o Senhor gostar dele, vamos casar em Atenas e voltar para o Brasil. Não tenha raiva de mim. Carrego vocês três no meu coração.

Um abraço, desta filha e irmã que ama infinitamente, tão infinito como este oceano que nos rodeia.

Guida

É bacana voltarmos, nestas passagens de nossa correspondência que tanto vivenciamos juntas, com algumas cartas do filme *A vida invisível* (2019), para falar de coisas que aprendemos em outros momentos a partir de leituras e estudos. O tema inicial aqui é a correspondência, a qual tomamos como uma 'Escrita de si', uma prática de moldagem do caráter ou de constituição de um sujeito ético, inventada pelos gregos no século 4 a. C. Trata-se de uma prática que se perpetuou por seis ou sete séculos³, já que os filósofos romanos também prescreviam esse exercício aos seus discípulos, aos seus estudantes. Então, para começar este trabalho, dedicamo-nos a uma prática filosófica destinada à formação de um sujeito.

Mas antes de falar sobre a Escrita de si, gostaríamos de lembrar que a filosofia, nessa época, não era uma disciplina do conhecimento, não tinha relação com a formulação

³ Como nos diz Foucault (2002) até o início do Cristianismo, século IV de nossa era.

de sistemas, com a organização de pensamento formal, com conceitos complicados demais que visavam à transformação do caos da vida em um cosmos organizado. Não era isso. A filosofia era para ser vivida, praticada e exercida. Não era a transmissão do conhecimento puro e simples que estava em jogo nas escolas filosóficas. Os filósofos buscavam conduzir os jovens, os discípulos para conquistar uma maestria. Ser mestre em quê? Na arte de viver. Quando falamos em filosofia aqui, referimo-nos a esse tipo de filosofia como arte de viver.

Os filósofos antigos sabiam que não se pode aprender a arte de viver sem a *askesis*, um treino; que para Michel Foucault deve ser entendido como 'treino de si por si mesmo'. Isso é uma prática de si, ou seja, exercitar a si mesmo para viver como se deve. Mas como fazer para viver como se deve? Nessa formulação da questão, os filósofos estão interessados efetivamente em 'como fazer'. E daí o olhar atento para os hábitos, para a dieta, para os regimes de exercícios, para a escrita, para o uso dos prazeres sexuais ou étlicos. O problema fundamental era justamente como fazer, como alterar o modo de viver, ou seja, o modo de vida. Ao buscar uma solução, eles vão direto ao ponto: mudando os hábitos, modificando os regimes, prestando atenção nas ações cotidianas, pois 'como fazer' implica sempre uma ação. É por isso que essa filosofia é uma prática de si, isto é, um conhecimento que visa, em primeira e última instância, uma mudança no próprio sujeito – ou melhor, uma transformação do sujeito que se conhece, e, por conseguinte, torna-se capaz de mudar hábitos de pensamento.

Todavia, o grande objetivo dessa filosofia ascética, que incita as práticas de si, é fazer com que o sujeito saia da estultice. O que caracteriza esse estado? Foucault (2002) afirma que quem não teve ainda cuidados consigo se encontra no estado de *stultitia*. Portanto, a estultice é o outro polo em relação à prática de si. A prática de si tem que lidar com a estultice e seu objetivo é dela sair. Para ele,

a *stultitia* é definida pela agitação do espírito, a instabilidade da atenção, a mudança de opiniões e das vontades, e, conseqüentemente, a fragilidade perante todos os acontecimentos que possam ter lugar; caracteriza-se também pelo fato de desviar o espírito para o futuro, de o tornar desejoso de novidades e de o impedir de se dotar de um ponto fixo pela posse de uma verdade adquirida (FOUCAULT, 2002, p. 139).

O estulto é o que muda de opinião ao sabor dos ventos, que se poupa do trabalho de pensar e de elaborar a sua própria verdade. Talvez, se um filósofo antigo visse hoje o sistema da moda, a cada inverno uma nova tendência de cores, tecidos, estampas, ele acharia esse sistema, com certeza, uma máquina de produção de estultos. Afinal, como é que um sujeito delega ao outro o seu jeito de vestir? Como é que um sujeito abre mão de criar o seu estilo para se fantasiar de um estilo criado por outra pessoa?

Michel Foucault explica que o estulto deixa que as representações do mundo exterior se misturem no interior de seu próprio espírito. A sua subjetividade fica tomada pelos discursos da moda ou pelas opiniões dominantes de um momento. A sua vontade se interrompe sem parar. O sujeito quer tudo ao mesmo tempo, sem fazer a triagem daquilo que realmente é importante para si mesmo.

A escrita de si, como uma prática, é um contraveneno para essa falta de memória e para essa dispersão que não posiciona o sujeito no presente. A escrita de si é uma ferramenta, um dispositivo, um equipamento para dar conta da multiplicidade, da pluralidade de imagens e de representações existentes no mundo exterior a nós mesmos. A escrita de si possibilita a rememoração do que merece ser lembrado e permite que a vontade não se disperse. Gostamos, especialmente, dos filósofos que nos levam a pensar que a vontade que deve ser permanente, duradoura, resistente é a de *se alegrar consigo mesmo*.

Então, fazemos agora alguns comentários sobre essa prática de si, amparadas na leitura de um artigo escrito por Michel Foucault: *Escrita de si*. Segundo o autor (2002, p. 129), são “páginas que fazem parte de uma série de estudos sobre as ‘artes de si mesmo’, isto é, sobre a estética da existência e o governo de si e dos outros na cultura greco-romana nos dois primeiros séculos do Império”. Essa é uma nota que antecede o pequeno texto, em que a série de estudos a que o filósofo se refere são os volumes II e III da sua *História da sexualidade: o uso dos prazeres e o cuidado de si*. Nas palavras de Foucault (2002),

a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askesis*: a saber, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão de Plutarco, uma função *etopoiética*: é um operador da transformação da verdade em *ethos* (FOUCAULT, 2002, p. 134).

A escrita *etopoiética* se constitui por meio de duas formas: o *hypomnemata* e a correspondência. Os *hypomnemata* são cadernos de anotações, livros de contabilidade e uma espécie de livro de vida, um guia de conduta que se tornou comum a todo um público culto. O que se anotava nessas cadernetas? Citações; fragmentos de obras lidas; exemplos e ações que você testemunhou e que te impressionaram; pensamentos ouvidos em conversas ou em aulas ou que vieram à mente. Portanto, trata-se de uma coletânea de coisas lidas, ouvidas ou pensadas que servem de suporte para os exercícios de pensamento e para a meditação.

Os *hypomnemata* não são um simples auxiliar de memória, que poderiam ser consultados de vez em quando, caso uma ocasião surgisse. Você passa a ter um pequeno

tesouro de coisas já pensadas sobre algo que vai acontecer ou que pode acontecer. A meditação sobre essas anotações não impede o sofrimento, a dor da perda, por exemplo. Mas o sujeito está menos desamparado, menos entregue, menos suscetível aos males do desespero. É para isso que se pratica a escrita de si.

Foucault (2002, p. 136) nos apresenta o material para se exercitar e se efetuar frequentemente: “ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com outros etc”. E isso com o objetivo de os ter sempre à mão – *ad manum, in promptu* – não no sentido de trazer à consciência, mas de que se deve utilizá-los, logo que necessário, durante a ação. É no momento de enfrentamento do real que se deve ter à mão, isto é, introjetados na alma, os princípios que auxiliam o sujeito a dar uma resposta adequada ao acontecimento. A escrita de si é, então, um processo de assimilação dos discursos, de subjetivação dos discursos recebidos e de inscrição de um corpo de escrita, pois a escrita “transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue”; transformando o próprio escritor em um corpo que nos ampara, aconselha-nos e nos estimula a agir (DIAS, 2019).

Nas correspondências, a escrita de si ganha contornos singulares para continuarmos a pensar na sua função *etopoiética*. Com as cartas, coincidimos o olhar do outro e de si ao ligar ações cotidianas a uma técnica de vida. Foucault nos diz que, nas cartas, exercita-se a ascese por meio de dois princípios: o aperfeiçoamento de si por toda a vida e a necessidade do outro para o trabalho da alma. A carta enviada age sobre quem a escreve, quem a recebe e a lê, constituindo uma maneira de se exercitar tanto para o escritor quanto para o leitor. No entanto, há uma diferença entre a correspondência e os *hypomnemata*: a carta produz presença. Além disso, Foucault (2002) comenta que “acontece também das cartas reproduzirem o movimento que leva de uma impressão subjetiva a um exercício de pensamento” (FOUCAULT, 2002, p. 154).

Antes de seguir com nossas correspondências contemporâneas, – fazendo ver e falar a tessitura e acontecimentalização de *A vida invisível* em nós – e para finalizar este momento do texto, lembramos aqui que, a partir do século 2 de nossa era, toda essa filosofia como arte de viver e como prática de si sofreu uma dura campanha de difamação por meio da difusão do cristianismo e da organização da igreja. Em decorrência disso, pensar em si, criar seu próprio princípio de conduta, formar a si mesmo, cuidar de si, alegrar-se consigo, tudo isso ganhou *status* de bobagem. Tudo não passa de egoísmo, narcisismo, individualismo e vaidade. Não é necessário criar princípios de conduta, pois existe a lei de Deus que define isso para todos, tampouco é preciso cuidar de si, porque o importante para Deus é a compaixão e o padecimento com a dor alheia. Governar a si mesmo? Quem governa é Deus! Justamente por isso que Ele tem seus representantes na

Terra: os pastores de almas, que conduzem o rebanho. Ao rebanho resta obedecer, visto que a obediência é uma virtude. Que negócio é esse de autonomia do sujeito?

A escrita de si, com o surgimento e ascensão do cristianismo, tornou-se uma confissão por escrito, que tinha como objetivo a purificação. O sujeito cristão deveria permanecer em estado de alerta, sondando a sua alma e captando os seus movimentos mais obscuros e escondidos. E ao flagrá-los, libertar-se-ia deles. Então, vemos duas estratégias claras e opostas: a escrita de si e a confissão de si. A confissão tem como meta dizer o indizível, revelar o oculto, com uma narrativa voltada para dentro, para o interior do sujeito. A pergunta de fundo é 'quem sou eu?' ou 'o que sou de verdade?'. O sujeito olha para o seu interior e relata quem é. Ao fazer isso, livra-se dos pensamentos impuros e se purifica para ser tomado pela verdade que já existia e era exterior a ele, a verdade de Deus.

No caso dos gregos, com relação à escrita de si, o movimento é contrário. Seus olhos se voltam para o mundo exterior. Você está captando, selecionando, escrevendo e incorporando, subjetivando, tornando seu pensamento, discursos, princípios, exemplos que estão fora de você, no mundo afora, que ajudam a dar forma e constituição a sua existência. A pergunta aqui não é 'quem sou eu?', mas sim 'como faço para viver como se deve?', ou seja, 'como eu me formo e me educo?', 'qual a instrução necessária?'. Aqui o sujeito está voltado para fora e não sondando o mundo interior a fim de se livrar daquilo que Deus não quer.

Essa distinção criou uma situação que lemos assim: há uma produção de discursos verdadeiros em diversas áreas; são inúmeros e não cessam, porém não são apreendidos e, tampouco, transformam-se em ação. Dizemos uma coisa e fazemos outra. O ditado popular 'faça como eu digo, não faça como eu faço' é emblemático para o tempo em que vivemos. E, ao olhar os gregos, espantamo-nos realmente. Os filósofos falam sobre a vida reta, o grande ideal, que significa retidão, ou seja, a coerência quase que brutal entre o que você diz e o que você faz, a coerência entre o pensar e o agir. E aí o ponto de reflexão está corretíssimo, porque é o 'como fazer' que define a coerência entre o pensar e o agir. Estamos mais desatentos ao que fazemos de nossas vidas. E o mais engraçado e, trágico ao mesmo tempo, é que, observando os filhotes de humanos, percebemos que eles assimilam nossas práticas. Eles estão mais atentos ao modo como agimos, ao nosso exemplo, do que para a falação de todo o dia. Eles estão aprendendo aquilo que temos de pior, e mal nos damos conta disso.

Por entre cartas, cinema, filosofia e invisibilidade feminina, o nosso objetivo é problematizar – ética, estética e politicamente – a articulação entre artes visuais, relações de gênero, sexualidade e educação. Para tanto, após esta apresentação, o artigo se divide

em duas partes, a saber: 'Entre cartas, cinema e subjetividade feminina' e 'A invisibilidade feminina' e 'A vida invisível: problematizar para forjar saídas'. Escrever cartas foi, portanto, uma das fontes escritas acerca da história de muitas mulheres e, ao mesmo tempo, uma das formas de romper com a invisibilidade feminina. A partir desse olhar sobre esse gênero discursivo, chegamos à maneira de produção deste artigo, visando somar esforços para forjar saídas para uma desinvisibilidade feminina.

Entre cartas, cinema e subjetivação feminina

Perrot (2019) lança três indagações: 'por que as mulheres não possuíam uma história, se tudo é história?', 'por que tanta dificuldade em se tecer uma história das mulheres?' e 'por que elas deixaram tão poucos vestígios sobre suas histórias?'. Em seguida, ela própria responde a essas perguntas:

a história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o *relato* que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem *story* e *history*. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões (PERROT, 2009, p. 16).

Nesse contexto, as cartas foram uma forma de sociabilidade e expressão, tolerada e autorizada nas sociedades dominadas pelos homens. Graças a elas, a voz das mulheres, que tinham acesso à escrita, pôde ser ouvida, e, por esse motivo, tornaram-se fontes para *desinvisibilizar*⁴ histórias que estavam ocultas pelo tempo. As cartas escritas de Guida para Eurídice nos permitiram conhecer as suas histórias e levantar questionamentos sobre a invisibilização das mulheres, a escrita de si e o poder patriarcal que objetiva as mulheres.

Querida Eurídice,
Estou feliz, mas as coisas não saíram como eu sonhara. Yorg é um canalha! Quantas mulheres haveria esperado por ele, desejando-o como um dia eu o desejei e quantos filhos teriam como irmão do filho que eu espero e eu não quero. Não importa! Não vou gastar nem mais um segundo falando dele. Estou a caminho de casa. Não vejo a hora de te abraçar novamente.

Venho questionando como a produção de invisibilidade das protagonistas do filme, das irmãs Eurídice e Guida, nas décadas de

⁴ O movimento de desinvisibilização é importante, pois nos ajuda a compreender as várias formas de exclusão que as mulheres sofreram ao longo dos tempos. Ao desinvisibilizar essas maneiras de exclusão, podemos contribuir para a transformação da inequidade, possibilitando novos modos de interação entre diferentes pessoas, grupos, crenças, valores, cooperando, assim, para a tessitura da igualdade nas diferenças, nas relações sociais de solidariedade e na cooperação mútua.

1940 e 1950, ainda são produzidas no contexto atual. É sobre a experiência da tessitura da invisibilização das mulheres que venho ajuizando desde então. Quais são as semelhanças e diferenças que as experiências particulares de invisibilização pelas quais passamos em nossas vidas produz um conhecimento sobre nós, sobre o que é ser mulher? Foucault (1996) medita que há analogias entre os conhecimentos de cada experiência em particular, os quais são intensamente diferentes dos conhecimentos das experiências anterior ou posterior. Eu estando aqui em Portugal, por coincidência, no país de origem dos pais das personagens Eurídice e Guida, passeando em tantos museus, em tantos lugares históricos, vou percebendo cada vez mais a invisibilidade das mulheres na história... Vemos muito mais a história sendo representada por homens, reis, generais, pintores, escritores, padres, papas e por aí vai. Os nomes deles estão presentes em teatros, ruas, museus, lugares públicos e etc. As mulheres quase não aparecem, e, quando aparecem estão atrás dos homens e de seus "grandes feitos". O filme "A vida Invisível" realmente mexeu muito comigo e me inquietou bastante (Lisboa, 27 de janeiro de 2020).

Saí do cinema naquele dia 22, véspera de natal, com um grande aperto no peito grande. Eu chorei demais da conta dentro do cinema. Acho que você percebeu, não? Neste sentido, acho que precisávamos de um tempo para seguirmos com nossa correspondência sobre a película. Há muitas questões, no filme, pra gente conversar. Mas quero destacar dois motivos que vou adorar conversar contigo por escrito: um, é sobre a dimensão atemporal/descontínua da história de opressão das mulheres. O filme é datado pelas décadas de 1940 e 1950, mas o tema do machismo, que atravessa milênios, ainda se atualiza hoje. História única a das duas irmãs, porém continua a ganhar contornos diversos que nos atravessam... por isto, talvez, seja possível dizer que a película é também parte de nossas histórias, de nossas mães, tias, avós. O segundo motivo, que está no próprio título da película, é a questão da invisibilidade. Tema que atravessa as múltiplas forças de composição da subjetividade feminina. (...) (Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 2020).

A invisibilização é um processo de exclusão pela produção da inexistência e, por isso, permite a reprodução de uma realidade iníqua. No contexto dos estudos de gêneros, podemos colher pistas de que a invisibilização da história das mulheres na antiguidade grega, por exemplo, estava relacionada a uma cultura patriarcal que nos deixou como legado uma história de homens, produzida por homens. Muitas dessas histórias foram escritas a partir da iconografia de vasos, de obras literárias e da poesia da época. Destarte, é importante enfatizar, conforme diz Cardoso:

cada tipo de arte tem na autonomia relativa e forma suas próprias convenções: por tal razão a iconografia não "ilustra", de maneira simples e direta, nem a vida, nem a literatura, mesmo quando aborda elementos presentes em todas as três (CARDOSO, 2014, p. 30).

A representação feita na iconografia, na literatura ou em poemas é sempre seletiva, não concebe toda a realidade, e a história produzida a partir dessas fontes é passível de diferentes interpretações. Todavia, precisamos sinalizar que as fontes iconográficas, literárias ou poéticas foram produzidas, em sua maioria, por homens, a partir de uma cultura patriarcal, na qual feições masculinas substituem o rosto feminino e interferem na imagem que se produziu sobre as mulheres e sobre as próprias formas delas se perceberem (SEPULVEDA, 2018).

Apesar de atualmente a documentação escrita não ser a única fonte utilizada para o estudo do feminino na História Antiga, os historiadores da antiguidade ainda se apoiam fundamentalmente na documentação textual e, conforme John Gould (1980, p. 38) sobre a literatura ateniense, a natureza dessa evidência disponível "é quase sem nenhuma exceção o produto de homens e dirigida a homens em um mundo dominado por homens". Nosso acesso direto, portanto, se dá sobre o que os homens da elite, dos círculos letrados, pensavam e imaginavam sobre as mulheres através dos documentos escritos. São materializações do discurso hegemônico, e esse certamente influenciava a maneira como as próprias mulheres se concebiam e se viam (JOURDAN; VIRGOLINO; SILVA, 2014, p.136).

O machismo está ligado à cultura patriarcal presente por várias épocas históricas em muitas sociedades. Nessas sociedades, a cultura é marcada pela presença de homens adultos que conservam o controle, o poder e a liderança política; exercem a autoridade moral; possuem privilégios e apresentam o domínio das propriedades. No prelado da família, o pai (ou a figura paterna) mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças.

Em suma, observamos que o patriarcado se revela no aparelhamento social, legal, político e econômico de uma gama de diferentes culturas. Em função dessa cultura patriarcal, foi construído um discurso no qual a mulher é naturalmente inferior ao homem, sendo considerada como o reflexo da natureza diferenciada entre eles e, por isso, não pode ter os mesmos direitos, gerando situações/contextos desiguais.

A desigualdade entre homens e mulheres é um traço presente na maioria das sociedades, se não em todas. Na maior parte da história, essa desigualdade não foi camuflada nem escamoteada; pelo contrário, foi assumida como um reflexo da natureza diferenciada dos dois sexos e necessária para a sobrevivência e o progresso da espécie (MIGUEL, 2014, p. 17).

O machismo é a conduta, manifestada em ideias e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. Portanto, machista é o indivíduo que exerce o machismo. Em um pensamento machista, existe um sistema hierárquico de gêneros, onde o masculino está sempre em posição superior ao feminino. Ou seja, o

machismo é a ideia errônea de que os homens são "superiores" às mulheres (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2019).

Querida irmã,
Ontem nasceu o meu primeiro filho. Um bebê robusto de gengivas vermelhas. Ele chorava desesperadamente e eu também. A gente se olhou nos olhos até que eu não pude mais. Eu não podia ficar ali olhando para ele, eu não queria! Eu fui embora!

Entre imagem, tempo e imagem movimento, a leitura da carta é interrompida e a cena segue com Guida entrando no cortiço sem Chico, seu filho. A vizinha, uma mulher de meia idade, pergunta: "Ô Guida... o que era?". De pronto, Guida responde: "Menino!". A vizinha completa: "Sorte a dele!". Guida fecha a cortina de seu canto no cortiço e a leitura da carta continua.

Tenho pensado tanto em você, fico imaginando sua vida em Viena, as aulas no Conservatório, sua nova casa, da janela ao lado do piano você vê a neve caindo enquanto toca. Desde que eu fui embora tenho apreendido tantas coisas. Descobri o que é ser uma mulher sozinha neste mundo. Ontem foi um dia difícil, mas eu não quero falar sobre isso agora. O que interessa é que os erros do passado ficaram para trás e eu comecei a traçar um novo caminho que vai me levar até você. A gente é muito jovem Eurídice, temos uma vida inteira pela frente.

P.S.: Mama se a Senhora estiver lendo esta carta, por favor, mande-a para Viena. Eu entendo o papai não conseguir me perdoar, mas por favor: não afastem Eurídice de mim.

Aqui é importante parar um pouco para refletir no que as imagens tempos e movimentos nos forcem a pensar. Depois da leitura dessa carta, eis que o cortiço e sua cortina fechada carregam de sentido a questão da invisibilidade feminina que é forte e presente no tempo presente. Essa última frase traz as imagens virtuais forjadas com os movimentos do cinema. Um roubo, um duplo-roubo (DELEUZE; PARNET, 2004) e um efeito do encontro que fizemos com o cinema.

É curioso, com efeito, pois me parece evidente que a imagem não está no presente. No presente está aquilo que a imagem "representa", mas não a própria imagem. A imagem mesma é um conjunto de entrelaces de tempo dos quais o presente apenas decorre, seja como múltiplo comum, seja como menor divisor. Os entrelaces de tempos nunca são vistos na percepção ordinária, mas sim na imagem, desde que esta seja criadora. Ela torna sensíveis, visíveis, os entrelaces de tempo irreduzíveis do presente (DELEUZE, 2016, p. 306).

E o que fica a partir de imagens, movimentos e tempos? As cartas de *A vida invisível* nos fazem perceber e falar sobre a força ideológica do machismo. A ideologia machista está entrelaçada nas raízes culturais da sociedade ocidental há séculos. Sua presença pode ser notada no sistema econômico e político, nas religiões, na mídia e, sobretudo, no núcleo familiar, sendo que este último é apoiado em um regime patriarcal, no qual a figura

masculina exerce a liderança. Dessa forma, a mulher se apresenta em um estado de submissão ao homem, em não possui o direito de livre expressão, sendo coagida a servir e observar as vontades do namorado, do marido ou do pai, caracterizando um tradicional regime patriarcal.

Pensando acerca dessas questões que afetam a vida de tantas mulheres e, até mesmo as nossas,

desejo conversar contigo, ético-estética e politicamente o que temos feito de nós, mulheres, em nossas aulas, escritos, orientações e tantas outras atividades que nos passam: "O que estamos ajudando a fazer daquilo que vem sendo feito de nós?" Esta pergunta, que me veio naquela exibição às vésperas do natal, me faz ver e falar o quão perverso uma pessoa pode ser para tentar manter uma aparência. Quantas pessoas ainda vivem ignorando o respeito e dando mais importância a valores morais, sociais que não deveriam ser estanques, mas estar em constante modificação. Aqui quero também compartilhar contigo a posição de Butler (2017a), em *A vida psíquica do poder: Teorias da Sujeição*, o duplo aspecto da sujeição parece levar a um círculo vicioso: a ação do sujeito parece ser efeito de sua subordinação. Ela realiza neste livro uma série de perguntas que vou compartilhar aqui contigo e, desde que li este livro, elas têm me perturbado. Aqui vão apenas algumas: *O que significa dizer que o sujeito, defendido por alguns como pressuposição da ação, também é entendido como efeito da sujeição? O que significa para a ação do sujeito pressupor sua própria subordinação? Como é possível que o poder do qual o sujeito depende para existir e que o sujeito é obrigado a reiterar se volte contra si mesmo no decorrer dessa reiteração? Como podemos pensar a resistência em termos de reiteração?* (Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 2020).

Não sei se terei respostas hoje para as suas perguntas, apesar delas serem excelentes e profundas, se elas realmente possuem respostas ou se fazem parte daqueles questionamentos que levamos para a vida toda, nos mobilizando a pensar nas histórias de cada uma de nós. Talvez eu também, não esteja conseguindo dialogar com suas perguntas hoje, por neste dia estar sentindo minha mãe tão perto de mim, pois hoje seria o aniversário dela, e assim penso nela, em Eurídice e Guida. Como em minha primeira carta falei da invisibilização das mulheres ao longo da história, sinto agora a necessidade de pensar junto com Butler (2017) e falar sobre a questão das mulheres, pois preciso enfatizar mais uma vez que mesmo no plural essa palavra dá a sensação de que todas nós possuímos uma identidade comum, como se todas nós possuíssemos as mesmas histórias (Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2020).

As pessoas formam as suas subjetividades por entre os discursos produzidos, os quais são construídos pelos outros e por nós mesmos, sejam sobre nós e sobre os outros, como bem analisou Foucault (1996). Esses discursos levam os indivíduos a tecerem

aprendizagens de quem somos, do que os outros são, assim como dos contextos que nos rodeiam.

Se alguém "é" uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica do seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2017, p. 21).

Mulheres se subjetivam e dessubjetivam nesse interstício de composições historicizadas, de forças e de formas constituídas, entre o dito e o não dito. Como diz Woodward (2009), as identidades são definidas no âmbito das culturas e das práticas discursivas, como um dos aspectos que constituem o sujeito que emerge dos processos de subjetivação justamente por meio dos discursos proferidos. Os processos de subjetivação fabricam e modelam os sujeitos. Partindo dessa afirmativa, ressaltamos que várias podem ser as instâncias, os dispositivos e os contextos onde o sujeito é fabricado ou modelado pelos processos de subjetivação, e o discurso é um desses dispositivos. Assim, as identidades de nossas mães, de Eurídice e Guida foram também tecidas pelos discursos presentes nos vários *espaçotempos* sociais.

Querida Irmã,

Te escrevo da casa de Filó, ela se tornou alguém importante em minha vida. É uma boa amiga que me faz companhia e me ajuda com o Chico. Eles são minha família hoje. Aqui há crianças todos os dias, as mulheres do bairro podem trabalhar graças à Filó, que cuida dos seus filhos. Eu tenho dois empregos: eu faço limpeza aos sábados e nos outros dias trabalho no estaleiro. Imagino que sua vida de pianista seja corrida, mas se puder mande umas linhas pra sua irmã que tanta falta sente de ti.

Guida

P.S.: Mamãe se por acaso estiver abrindo minhas cartas para Eurídice, por favor as envie para Viena

A cena do filme que segue a leitura da carta acima acontece quando Guida vai a uma repartição pública para tirar o passaporte de seu filho Francisco. A discussão com o funcionário público a faz sentir a força discursiva da lei que proíbe uma mãe solteira de tirar o passaporte do filho. O documento somente pode ser produzido com uma carta/assinatura do pai. Guida insiste com o funcionário: "Mas você está lendo na certidão, eu sou mãe solteira, ele não tem pai". E o funcionário, obediente e cumpridor de normas, diz: "esta é a regra eu a estou seguindo".

Foucault (2006) defende que o discurso vive por meio de si mesmo, ou seja, tem autonomia e normas próprias. Ele não se origina do mundo, tampouco é a representação desse mundo. Também não é formado por um sujeito que o fundou. Para o filósofo, o discurso é que compõe o mundo e o sujeito, colocando-nos em regimes discursivos que nos moldam a uma maneira de compreender, narrar e operar enquanto sujeitos no mundo. Contudo, o discurso não está situado fora dos dispositivos e práticas nos quais ele se corporifica e se produz; pelo contrário, é justamente nisso que incide a sua engrenagem de funcionamento, ou seja, somos sujeitos constituídos pelo discurso, pelas normas e regras que se formam e pelas ferramentas que ele nos proporciona para a composição de nossa maneira de pensar e de agir no mundo com o outro e conosco. Algo próximo do que lemos na carta de Guida a seguir:

Cara Eurídice,

Ou talvez deva começar dizendo querido diário, seria mais honesto. Feliz ano novo, minha irmã! Na véspera do natal eu vi o papai depois de cinco anos. E, hoje eu sinto com uma nova clareza que eu não sou mais parte desta família, a minha família é outra. E é a esta nova família que eu devo me dedicar. Filomena é minha mãe, meu pai e também minha irmã. Sei que ela não tem passado muito bem. Ela tenta esconder, mas eu sei que é sério, tento ajuda-la. O amor de Chico ajuda. Tem dois meses que eu só vejo Filó se apagando, eu daria as minhas duas mãos por ela. Não sei como é aí na Áustria, quando se é uma pianista de sucesso. Essa vida boa e confortável que você deve levar. Mas deste outro lado do mundo eu criei um novo laço. Alguém que me ama de forma incondicional. Família não é sangue é amor.

Guida, filha de pais portugueses, mãe solteira, trabalhadora e sofredora dos efeitos de sua família de origem, abre espaço e tempo para as dobras de subjetivações. As mulheres sofreram opressões e objetivações ao longo dos tempos, mas elas não foram as mesmas, assim como a dominação patriarcal não foi igual, pois se modificou de acordo com a cultura e o contexto. Como enfatiza Butler:

a noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos de opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe. Exatamente onde esses vários contextos foram consultados por essas teorias⁵, eles o foram para encontrar “exemplos” ou “ilustrações” de um princípio universal pressuposto desde o ponto de partida. (...) A urgência do feminismo no sentido de conferir um *status* universal ao patriarcado, com vista a fortalecer aparência de representatividade das reivindicações do feminismo, motivou ocasionalmente um atalho na direção de uma universalidade categórica ou fictícia da estrutura de dominação, tida como responsável pela produção da experiência comum de subjugação das mulheres (BUTLER, 2017, p. 21-22).

⁵ A autora está se referindo às teorias feministas.

Claro que essa falsa universalidade do patriarcalismo não o livra de críticas e nem das lutas tecidas contra as objetivações e subjugações das mulheres. Foram a resistência e as lutas de muitas mulheres que possibilitaram o desenvolvimento de legislações que garantiram direitos. As resistências e lutas travadas foram feitas aos diferentes tipos de poder dos homens, ou melhor dizendo, como formas de enfrentamento a partir do desenvolvimento de estratégias às diferentes formas de poder. Conforme Foucault (2009), as estratégias são formas de lutas e possuem como objetivo transformar os indivíduos em sujeitos.

Pensando, assim, podemos inferir que as cartas, nas análises e intervenções propostas aqui, são formas ou estratégias de poder, porque asseguram às mulheres a tessitura de um exercício de si por si mesmas, com suas linhas de visibilidade, de enunciação, de subjetivação e de forças.

Cara Eurídice,

Cara d. Ana e Sr. Manoel, afinal tenho quase certeza de que estas cartas nunca saíram do Brasil. Vocês pelo menos às leem, ou as jogam direto no lixo? Essa é a última carta que eu lhe envio. A partir de hoje Ana Margarida Gusmão não existe mais. Espero que não importe o tempo que passa, essa carta chegue as suas mãos. Mãos que certamente estão ocupadas gravando discos, dando autógrafos e tocando em teatros lotados pelo mundo. Morro de medo de te esquecer. Por favor não se esqueça de mim. Da sua irmã que tanto te ama e de admira.

Guida

Querida amiga, vimos ao longo do filme que Guida reagiu e criou formas de estratégias contra o poder patriarcal que tentava a objetificar e teceu estratégias de enfrentamento, mas também criou invenções de existências não padronizadas, como a invenção de si e de novos modos de conviver com o poder patriarcal. Afinal, o poder não subjuga somente ele possui uma potência produtiva, uma importância estratégica, uma positividade. E são essas características que se manifestam quando o poder assume como alvo o corpo humano, para aprimorá-lo e adestrá-lo (Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2020).

Querida amiga, sim! Vimos ao longo do filme – "A vida invisível" – uma série de estratégias de poder patriarcal que são direcionadas ao corpo da mulher para excluí-la e torná-la dócil e útil. Isso comparece na película como marca das cenas entre a vida das duas irmãs. Uma que é domada e transformada em dona de casa, esposa de um funcionário dos correios, que sonhava em ser musicista. E a outra irmã, mãe solteira e trabalhadora mecânica. Quero trazer aqui pra gente lembrar uma cena de discussão entre Eurídice e Antenor. Acho que você vai lembrar. É a cena em que Eurídice chega em casa muito feliz com sua aprovação no Conservatório de Música. Há no momento exato da prova em que Eurídice toca o piano, a imagem movimento e tempo mostrando as irmãs – Guida e Eurídice – dançando e rindo. Em casa, Eurídice discute com o seu

marido. Antenor fala com a filha de Eurídice: você sabe onde sua mãe estava? Fazendo uma prova de piano. A menina responde: Mas não é o sonho dela. Antenor, sem escutar o que a filha diz, pergunta: E você foi aprovada? Fui, em primeiro lugar. A discussão entre marido e mulher continua e, em um determinado momento, Antenor pergunta a Eurídice: Você quer viver de música? E, Eurídice responde, sim! Porque quando eu toco eu desapareço! Antenor responde: vai desaparecer... aproveita e some! (Rio de Janeiro, 2 de março de 2020)

Conforme observamos no filme, a partir desse momento, a pianista desaparece, fazendo emergir a dona de casa, mãe, grávida e diagnosticada de Psicótica Maníaca Depressiva. O médico, enfaixando as mãos de Eurídice, após a consulta em que ela queima o seu piano, diz a Antenor: "calma vai passar, tudo bem. Eu indico uma internação, com sonoterapia, sem medicamentos fortes. Vai passar e quando o filho nascer estará pronta para ser mãe".

Nesse caso, a verdade sobre Eurídice estava nas mãos do médico, aquele que detinha o saber e o poder sobre o seu corpo. Eurídice era um sujeito, mas, naquele sentido de assujeitamento, incidiam as forças concretas da sujeição sobre seu corpo. Uma identidade essencial e verdadeira da paciente já existia de antemão e precisava ser assumida por ela. Uma realidade, delirante, precisava ser reconhecida como tal, para que a vida real saltasse para a tela e adentrasse na vida de todas nós mulheres: "sou louca, histérica!"

As técnicas de poder e de produção de verdades e, conseqüentemente, de sujeitos na modernidade foram temas de várias pesquisas empreendidas por Michel Foucault. Lembremo-nos rapidamente de três estudos, que se tornaram bastante conhecidos nos anos de 1960 e 1970. Em *História da Loucura*, foram analisados os mecanismos e os procedimentos que possibilitaram o dizer a verdade sobre o sujeito louco. As astúcias do poder e do saber que tornaram possível o discurso sobre o sujeito doente, aparecem em *Nascimento da Clínica*. O sistema punitivo, e os saberes por ele convocados, fizeram nascer a figura do delinquente, como exposto em *Vigiar e Punir*.

Essas pesquisas mostram que o sujeito louco, doente ou delinquente é, antes de tudo, um resultado vivo das técnicas de dominação, das tecnologias do poder e do processo de disciplinarização do corpo social e individual. Isto é, a verdade sobre os sujeitos loucos, doentes, mulheres e delinquentes foi construída passo a passo pelas instituições, saberes e tecnologias do poder. Para que o sujeito assumisse esse tipo de identidade, de verdade sobre si mesmo, ele teria que ser submetido dia a dia, ao tratamento e aos cuidados do poder e do saber, tal como aquele vivido por Eurídice. Esses livros de Foucault, em linhas gerais, são dedicados a esse embate entre o corpo e a

verdade do sujeito contra as verdades e as tecnologias de dominação existentes em instituições disciplinares, como a família, o hospício, o hospital, a educação e a prisão.

Na oficina, na escola, no exército, funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes "incorretas", gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa: que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora (FOUCAULT, 1987, p. 149).

No início da década de 1980, Foucault anunciou uma mudança, um desvio, uma nova experimentação em seu processo de estudo e de criação. Ele passaria a enfatizar as tecnologias de si e os processos de subjetivação. Se antes o olhar do filósofo recaía principalmente para as tecnologias de poder, sobre os processos de sujeição e dominação existentes em instituições disciplinares, agora o foco são as técnicas de si, com as quais um sujeito pode constituir-se e elaborar uma verdade de si para si mesmo. Ao invés de olhar apenas os sujeitos como assujeitados, impelidos a assumirem verdades produzidas pelo saber, Foucault encontra um outro eixo de análise que se contrapõe às técnicas de dominação.

Se alguém pretende analisar a genealogia do sujeito na civilização ocidental, deve considerar não apenas as técnicas de dominação, mas também as práticas de si. Deve mostrar que há uma interação entre elas. Quando estudava os asilos, as prisões, e tudo o mais, talvez tenha insistido demais nas técnicas de dominação. O que chamamos por "disciplina" é algo realmente importante neste tipo de instituição. Mas é somente um aspecto da arte de governar as pessoas em sociedade. Uma vez estudado o campo de relações de poder enquanto uso das técnicas de dominação como ponto de partida, gostaria, nos próximos anos, de estudar as relações de poder que começam a partir das práticas de si. Em toda cultura, penso, esta tecnologia de si implica uma série de obrigações com a verdade, descobrir a verdade, ser iluminado pela verdade, dizer a verdade. Todas essas e tantas outras imposições devem ser consideradas importantes tanto para a constituição quanto para a transformação de si (FOUCAULT, 2006, p. 95).

Nesse novo ambiente conceitual, valoriza-se a relação que o sujeito estabelece com a verdade a fim de constituir a si mesmo. Em decorrência dessa moldagem de si, o sujeito poderia assumir um estilo de vida, um modo de existência que se ajustasse às verdades refinadas ao longo de uma vida. Quando Foucault retorna aos gregos para estudar essas

práticas de si, ele tem em mente um diagnóstico da atualidade: mais do que a luta pela liberdade de professar uma religião, as lutas étnicas ou a luta contra uma classe dominante, o que parecia surgir como o enfrentamento fundamental era a luta pelo controle da subjetividade. Não que as lutas religiosas, étnicas ou de classe tenham desaparecido de nossa realidade, mas havia chegado o momento em que os indivíduos se voltavam contra o poder a fim de darem um sentido às suas escolhas existenciais. A luta contemporânea, dizia o filósofo, é contra uma forma de poder que liga o indivíduo a si mesmo e o submete aos outros. Trata-se de um conflito com o poder que tem como objetivo tornar o sujeito cada vez mais responsável por tudo aquilo que o faz verdadeiramente único e individual.

A partir do elo entre sujeito e verdade, a qual não é determinada pelas tecnologias do poder e do saber, mas pelas escolhas individuais, é possível experimentar e ensaiar, a experiência modificadora de si (FOUCAULT, 1994). Aqui o esboço de dois eixos – sujeito e verdade - nos ajudará a seguir problematizando a ligação entre o filme *A vida invisível*, as cartas, a produção de subjetividade, a educação e a questão de gênero e sexualidade. Como desentranhar a identidade que se encrunhou em nosso comportamento? Como nos livrar do indivíduo identitário que está em todas nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas?

Minha querida irmã,
Você não sabe a falta que você me faz. Queria poder voltar no tempo, voltar para casa e te encontrar esperando por mim. Queria sentar ao lado do seu piano e te ouvir tocar. Queria que você tivesse orgulho de mim, orgulho de ser minha irmã. Como eu tenho orgulho de ser sua irmã. Mas isto parece cada dia mais impossível. Cada dia sou menos Guida.

Na película, essa carta é lida por Eurídice, finalmente, logo após a morte de seu marido Antenor com o qual permaneceu casada 67 anos, a exemplo de nossas avós. E quem sabia a senha da caixa que guardava as cartas? O filho homem de Eurídice: “5-3-51 o dia do casamento dos pais”.

O que é isto?
São umas cartas
São pra você mãe
São de quem?
Guida Gusmão

“Há um endereço em todas as cartas, é o mesmo!”, diz a filha mulher de Eurídice. E, é justamente ela, a filha mulher quem leva a senhora Eurídice para encontrar com Guida. Mas quem está no endereço é uma jovem menina, neta de Guida. Há um abraço intenso de Eurídice na neta de Guida, que possui o mesmo nome da avó. O Encontro das

duas é permeado por um diálogo rápido: "A minha avó que escolheu este nome pra mim, era uma mulher misteriosa. Você era pianista?". Eurídice responde: "Era". A neta de Guida continua: "Minha avó dizia que a irmã dela era a maior pianista do mundo". Caminhando só na sacada do seu edifício e sentada ao lado de uma cadeira vazia, Eurídice lê a última carta:

Me despeço Eurídice. Acho que sou uma iludida. E que preciso escrever para não te esquecer. Ou esquecer da pessoa que um dia eu fui. Eu sei que eu sou uma decepção para você, minha irmã. Eu sei! Mas eu vou concertar as coisas. Eu te prometo! Essa é a única coisa que me dá forças hoje: a certeza de que nós temos uma vida inteira pela frente, uma vida inteira juntas.
Com amor,
Guida

O que não muda, o que persiste é a constatação de que o indivíduo permanece desinteressado por si mesmo, por suas ideias e ambições, seus desejos e modos de ser; desinteressado em descobrir e ser iluminado por suas próprias verdades. Daí a relevância da velha lição dos filósofos antigos – cínicos, estoicos, epicuristas –, estudados por Michel Foucault. A relevância de se ter coragem de pertencer a si mesmo. Ou como diz de forma ímpar Frédéric Gros (2004, p. 164), a coragem de "tornar diretamente legível no corpo a presença explosiva e selvagem de uma verdade nua, de fazer da própria existência o teatro provocador do escândalo da verdade".

Por meio da narrativa cinematográfica, vemos mulheres cuja vida lhe foram ceifada: Guida pelo pai e Eurídice pelo pai e marido. As duas foram enganadas por homens. No caso de Guida, o pai mentiu dizendo a ela que a irmã estava em Viena, expulsando-a de casa, logo em seguida. No de Eurídice, o marido mentiu e escondeu, por 67 anos, as cartas endereçadas por Guida. Tais situações nos revelam que a coragem da verdade é para poucos e exige a constituição de um modo de vida: mais simples do que o que acreditamos ser possível. Lembrem-nos, ainda, que os prazeres duradouros e nobres de uma existência podem ser outros, distantes dessa dissipação estéril de si mesmo em busca da moral de uma família patriarcal.

A invisibilidade feminina e *A vida invisível*: problematizar para forjar saídas

Em que sentidos, ainda hoje é importante a problematização da invisibilidade feminina? Por que problematizamos – ética, estética e politicamente – a relação entre cinema, educação, produção de subjetividade e questões de gênero e sexualidade?

Haraway (2004, p. 211) nos diz que "gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta". Ainda segundo a autora:

no esforço político e epistemológico para remover as mulheres da categoria da natureza e colocá-las na cultura como sujeitos sociais na história, construídas e auto-construtoras, o conceito de gênero tendeu a ser posto de quarentena contra as infecções do sexo biológico. Como consequência, a construção em andamento do que seria sexo ou do que seria mulher foi algo difícil de teorizar, a não ser como "má ciência", na qual a mulher emerge como naturalmente subordinada. "Biologia" tendia a denotar o corpo em si mesmo, e não um discurso social aberto à intervenção. Assim, as feministas argumentaram contra o "determinismo biológico" e a favor do "construcionismo social" e, no processo, tornaram-se menos capazes de desconstruir como os corpos, incluindo corpos sexuais e racializados, aparecem como objetos de conhecimento e lugares de intervenção na biologia. Alternativamente, as feministas, às vezes, afirmaram as categorias natureza e corpo como sítios de resistência às dominações da história, mas a afirmativa tendeu a obscurecer o aspecto de categoria e sobredeterminado de "natureza" ou de "corpo feminino" como um recurso ideológico oposicional. A natureza parecia simplesmente estar lá, uma reserva a ser preservada das violações da civilização em geral. Ao invés de marcar um pólo categorialmente determinado, "natureza" ou "corpo feminino" significam, de modo simplificado, o centro saudável da realidade, distinguível das imposições sociais do patriarcado, do imperialismo, do capitalismo, do racismo, da história, da linguagem (HARAWAY, 2004, p. 218).

A citação acima ressalta a necessidade de problematizarmos o tema da invisibilidade feminina, apresentando elementos que objetivam desmistificar a cultura do machismo e enaltecer o papel histórico e social exercido pelas mulheres na sociedade. Lembramos que assim como a autora citada, Joan Scott (1990) também nos ajuda a pensar sobre o conceito de gênero como uma categoria útil à história, pois enfatiza que tal categoria nos possibilita refletir sobre a relação entre as mulheres e homens, nas desigualdades e hierarquias sociais que se estabelecem entre eles. De acordo com Scott, o conceito foi desenvolvido como uma maneira de se opor a um determinismo biológico nas relações entre os sexos masculino e feminino, dando-lhes um caráter fundamentalmente social: "o gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade (SCOTT, 1990, p. 5)". Logo, a importância dessa análise diz respeito ao aspecto relacional, ou seja, a noção de que os gêneros não podem ser entendidos separadamente, mulheres e homens precisam ser compreendidos de forma recíproca.

Scott (1990, p. 6) igualmente enfatiza que o gênero como eixo de análise possibilita que possamos desenvolver novos temas de estudos, permitindo um *reexame*

crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente. Segundo a autora, a categoria gênero deve ser ponderada juntamente às noções de classe e raça.

Ademais, e talvez o mais importante, o "gênero" era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. "Aprendemos", escreviam três historiadoras feministas, "que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. Não é exagerado dizer que por mais hesitante que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história". A maneira como esta nova história iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria de análise. Aqui as analogias com a classe e a raça eram explícitas; com efeito, as(os) pesquisadoras(es) de estudos sobre a mulher que tinham uma visão política mais global, recorriam regularmente a essas três categorias para escrever uma nova história. O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalavam primeiro o compromisso do (a) pesquisador(a) com a história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalava também que esses(as) pesquisadores(as) levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos (SCOTT, 1990, p. 5-6).

A partir das contribuições de Haraway (2004) e Scott (1990) podemos falar mais uma vez sobre o filme *A Vida Invisível*, pois a questão relacional está sempre presente entre os gêneros. Guida resistiu e reagiu às diferentes formas de subjetivação que lhe foram impostas, porque não queria ser uma sombra de seu pai, como se referiu a sua mãe em um dos diálogos tecidos com a personagem Filomena. Eurídice também tentou não ser uma sombra, o que pode ser notado no momento em que ela buscou ser protagonista de sua própria história, ao fazer a prova de piano no conservatório. Afinal, como o filme se passa na década de 1950, eram poucas as mulheres que podiam ou conseguiam realizar uma prova dessas. As duas histórias de vida remetem a formas de submissão da mulher à figura masculina. Se por um lado, após separar-se do marido, em um casamento que, de certo modo, questionou a autoridade paterna, Guida grávida volta ao Rio de Janeiro e procura a família. Nessa ocasião, é rejeitada pelo pai que, além de não a aceitar por vergonha, ou seja, por causa dos seus valores morais, mente, com a conivência (silenciamento) da mãe, acerca do paradeiro de Eurídice. Por outro lado, Eurídice é enganada pelo pai e pelo marido, que lhe impede de receber as cartas e de reencontrar a irmã.

Assim, podemos enfatizar, conforme dizem Jacques Aumont e Michel Marie (2003), que o cinema possibilita revelar a realidade do mundo. O filme nos coloca diante da realidade na qual vivemos, ajudando-nos a penetrá-lo a partir de nossos sentidos: ‘O cinema é uma espécie de leitura do ‘livro do mundo’ (e até mesmo da natureza); o cineasta um explorador. O material privilegiado do cinema é, portanto, tudo o que o mundo oferece de transitório e de efêmero” (AUMONT & MARIE, 2003, p. 173).

Portanto, como nos lembra Yuri Sepulveda (2017), a experiência fílmica possibilita que cada indivíduo construa processos de conhecimentos e saberes distintos. Por meio dessa experiência, cada pessoa entende o filme de forma diferente com base em seus sentidos, sentimentos e experiências. Experienciando o filme, podemos conhecer uma realidade da qual não fizemos parte. Diante disso, gostaríamos de ressaltar que o filme *A Vida Invisível* foi uma experiência fílmica que nos despertou fortes emoções e nos possibilitou construir conhecimentos e saberes distintos sobre os processos de subjetivação das personagens Guida e Eurídice.

Como seria possível desinvisibilizar as histórias femininas de nós mesmas? Ensaio para não concluir

Por entre cartas, escritas, cinema, mulheres, há diversas tentativas de pensar os sentidos em que chegamos ao problematizar a invisibilidade feminina, dentre outras questões neste artigo. O que sabemos é que, ainda hoje, vivemos um tempo brutalmente machista e misógino⁶, que produz vários tipos de misérias, de violências contra as mulheres, de uma sólida mediocridade e de sujeitos mal-acabados. Sujeitos desamparados que buscam nas míseras normações da lógica do patriarcado expostas em vitrines virtuais ou reais – que poderíamos, talvez, chamar de igrejas –, um mínimo de dignidade e de coletividade com o mundo e consigo.

Não há como não reconhecer no vai e vem frenético dessa sociedade patriarcal – que se perdura por milênios –, um arrastado suicídio que leva mulheres e homens a seguirem tomando como vida digna suas próprias mortes em vida. E o mais interessante é que esse patriarcado universal – modelar – nos envergonha. O nosso choro no final do

⁶ A misoginia significa ódio e aversão às mulheres. Tal ódio e aversão se manifestam atualmente no aumento de práticas de violência doméstica em decorrência da quarentena, devido à pandemia do coronavírus. Desde o início da pandemia, a ONU está relatando que o Líbano e a Malásia, por exemplo, viram o número de chamadas para as linhas de ajuda dobrar, em comparação com o mesmo mês do ano passado; na China elas triplicaram; e na Austrália, o Google registrou o maior número de buscas pelo termo “violência doméstica” dos últimos cinco anos. Enquanto isso, no Kosovo, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) citou o Ministério da Justiça ao relatar um salto de 17% nos casos de violência de gênero, especialmente nas áreas urbanas. No mês passado, depois que dezenas de casos de COVID-19 foram confirmados no país e o governo declarou uma emergência de saúde pública, um toque de recolher de 13 horas foi imposto até 24 de março. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

filme seria de vergonha? O choro, feito em nós de uma das cenas finais de *A vida invisível*, emergiu com a descoberta das cartas escondidas, durante 67 anos, pelo marido de Eurídice. Um choro carregado de imagens, tempo e movimentos que acontecimentalizam e ligam cinema e vida. Um choro de raiva, de tristeza com a similaridade de muitas histórias suicidárias das mulheres vivas em nós.

Há um visgo que nos cola, de alguma maneira, a essa grande tela que é o patriarcado universal. A propagação de tais lógicas acontece, porque partimos do pressuposto de que esta é a ordem da lógica de mundo, ordem que não pode ser trocada sem que se comprometa a própria ideia de vida social organizada. Um monumental blefe, já se sabe há muito tempo, como vemos por meio das muitas histórias de mulheres e feministas que nos mostram que há outros modos de viver e de coexistir no mundo. Algo próximo do que se singulariza com a vida de Guida, que segue na busca por uma vida singular e sem ceder aos comandos da ordem patriarcal. E, o que Guida faz? Não abandona o processo de experimentação da vida para ser um experimento em linha de montagem do patriarcado – filha, mulher, mãe, dona de casa, trabalhadora –; em última análise, não se deixa que padronizem seus desejos e regulem seus comportamentos de acordo com o compasso das lógicas patriarcais. Em outras palavras, Guida se singulariza. Seria a singularização um modo de desinvisibilizar histórias de mulheres? Mas como? Ao escrever, Guida, encontra-se consigo e se singulariza?

O processo de singularização exige uma força terrível e arrebatadora como a que vimos no filme *A vida invisível*, aliada a uma visão astuta da vida. Refere-se a uma forma de conhecer bem particular, feminina, dotada do poder de manipular as máscaras, os embustes, os disfarces que induzem o adversário ao erro. Trata-se de um tipo de sabedoria que é conquistada a partir das experiências mais rasteiras, cotidianas e imediatas. A nossa experiência de cada dia dentro do campo de guerra do inimigo, em uma batalha que exige mais do que a força, a astúcia, a picardia, o jogo de cintura. Algo semelhante àquilo que Michel de Certeau nomeia como “tática”, isto é, lógica de guerrilha propícia para as situações em que não adianta medir forças em um confronto direto. Nas palavras de Certeau,

a tática se desenrola golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios. O que ela ganha não se conserva. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É a astúcia (CERTEAU, 1994, p. 100-101).

Nessa perspectiva, afirma-se que é preciso um saber astuto para se livrar das armadilhas que estão instaladas inclusive em nós mesmas. Em uma sociedade ainda extremamente patriarcal, não é possível rir de nós mesmas, desarmar nossos

pensamentos suicidas sem nos aventurar astutamente pelos labirintos da vida. Se uma mulher toma a firme decisão de se elaborar, de se constituir, de subjetivar-se, é necessário se esquivar de cooptações que o patriarcado realiza; livrar-se da mediocridade que se instalada no corpo e prezar, acima de tudo, a liberdade e a autonomia, sempre ameaçadas de mil e uma maneiras por esse inimigo contra o qual todos os dias precisamos lutar.

Nesta luta contra a invisibilidade e sujeição feminina, a fim de criar e afirmar uma vida singular, não há garantias de vitória, é bom dizer para concluir. Ao contrário, o árduo exercício de desinvisibilizar para promover elevação não é impulsionado pelas possibilidades de êxito ou sucesso ao fim da jornada. A vontade de singularizar-se e descolar-se das redes de compromissos vergonhosos vem de um outro lugar. Essa vontade nasce de um sofrimento e de uma dor que, possivelmente, muitas de nós não suportaríamos. Algo parecido com a dor de Guida ao retornar à casa dos pais e ser escorraçada por estar separada e grávida. Talvez, pudéssemos dizer que sentimos com essa cena um fogo que não podia deixar de existir, que, ao contrário, atigava, ainda que não saibamos a que espécie de saída isso vai nos conduzir. Não nos espantaria que essa saída fosse sombria. Mas, em certas situações, vale mais ser vencido do que vencedor.

Está aí a diferença maior. Mesmo na derrota e na perda da família de origem, há luz, cores e sombras; sinais intensos de vida. Guida possui a força das transformações de si, metamorfoseia a necessidade em virtude, o infortúnio em alegria, a dor em escrita. Por mais intenso que seja o processo de invisibilização feminina e de nossas próprias histórias, ainda é possível inventar e reconhecer histórias, os rastros singulares de Guida que escreveram nas correspondências, contra a lógica do patriarcado, encarando a vida e a fantasia. São essas histórias e olhares que podem iluminar o nosso caminho pela desinvisibilização adentro das vidas das mulheres.

Referências

A VIDA INVISÍVEL. Direção de Karim Aïnouz. São Paulo: Vitrine Filmes, 2019 (2h20). Disponível in: <http://www.vitrinefilmes.com.br/site/?page_id=5427>. Acesso em: 27 abr. 2020.

AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

BRASIL. Nações Unidas. **Chefe da ONU alerta para aumento da violência doméstica em meio à pandemia do coronavírus.** Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

BUTLER, J. **A vida psíquica do poder:** teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017a.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017b.

CARDOSO, C. F. Aquiles e Troilos: a intrusão de um subtema homoerótico numa temática do ciclo de Troia. In: ESTEVES, A. M.; AZEVEDO, K. T.; FROHWEIN, F. **Homoerotismo na Antiguidade Clássica**. Rio de Janeiro: UFRJ - Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2014.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, G. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Modos de trabalhar uma formação inventiva de professores: escrita de si, arte, universidade e escola básica. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica**. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ/CAPES, 2019, p. 13-35.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

_____. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 4. ed. Lisboa: Veja, 2002, p. 129-160.

_____. Sexualidade e solidão. In: _____. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 92-103.

_____. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. [S.l.: s.n.], 2009. **Espaço Michel Foucault**. Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/sujeitopoder.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

GROS, F. **Foucault**: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário Marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, 2004, p. 201-246. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

JOURDAN, C. A.; VIRGOLINO, M. F.; SILVA, T. N. Odisseus e Penélope: exemplos de masculino e feminino a serem seguidos na Grécia Arcaica e Clássica. In: LIMA, A. C. C. **Imagem, Gênero e Espaço: representações da antiguidade**. Niterói: Alternativa, 2014.

MIGUEL, L. F. O feminismo e a política. In: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. Conservadorismo, gêneros e sexualidades: temáticas que se entrelaçam nas pesquisas do GESDI e do GEPCEB. In: SEPULVEDA, Denize;

AMARO, Ivan. **Gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia**. Curitiba: CRV, 2018.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. Trabalhando questões de gêneros: Criando e recriando currículos para a valorização do feminino. **Revista Periferia**. V. 11, n. 4, p. 58-80, set./dez. 2019.

SEPULVEDA, Y. **No Quarto da Vanda e Boca de Lixo: cinema, sociedade, conhecimento**. Dissertação (Mestrado em Estudos Cinematográficos) – Programa de Mestrado em Estudos Cinematográficos, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ⁱ Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

ⁱⁱ Este artigo pensa sobre as invisibilidades femininas por meio da correspondência entre duas professoras de universidade pública. Trata-se de uma atividade estética mediada pela noção “escrita de si” proposta por Michel Foucault e pelo filme “A vida invisível”, de Karim Aïnouz e roteiro de Murilo Hauser, em que imagem tempo e movimento acontecem por meio de cartas. Recorremos, portanto, às cartas, assim como as escritas por Guida para Eurídice, no referido filme, com o intuito de situar o leitor acerca de sua importância nas trajetórias das pesquisas sobre gênero e sexualidade, bem como da sua ligação estreita com os estudos de produção de subjetividade. Sua problemática – ético, estético e politicamente – faz a articulação entre artes visuais, relações de gêneros, sexualidades e educação, na medida em que faz ressoar a correspondência entre as duas professoras com a da personagem, enaltecendo, assim, as lutas travadas por mulheres no processo de desinvisibilização.

Como citar esse artigo:

DIAS, Rosimeri de Oliveira; SEPULVEDA, Denize. “A vida invisível”: por entre cartas, corpos de mulheres e processos de subjetivação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 2, p. 100-125, mai./ago. 2020.